



ENTRE TRAMAS E FABULAÇÕES: SOBRE LINHAS QUE COMPÕEM A DOCÊNCIA

Interculturalidade e Diversidade nas Ações Educacionais

Rafael Agatti Durante¹
Andressa Helene Querubini Gonçalves²
Marilda Oliveira de Oliveira³

RESUMO

Este artigo surgiu de uma proposta desenvolvida nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado III e IV do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo foi problematizar os conceitos desenvolvidos nos projetos dos professores em formação inicial. Enquanto metodologia acolheu-se a fabulação (DELEUZE, 2011) por permitir tecer linhas entre a docência e as relações construídas no trajeto de formação, elencando como problemática: e se eu fosse trama? A materialidade foi construída entre dois conceitos, o de tramas (ALMEIDA, 2009) e o de fabulação, a partir do encontro com a escrita do artigo de Mossi (2016), presentificando-se na elaboração dos diários visuais (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015). Como resultado destaca-se as experimentações imagéticas e a produção escrita elaborada pelo coletivo de professores em formação, assim como os modos de compor uma docência que não passa por um universal, mas que singulariza-se em cada modo de fazer-se professor.

Palavras-chave: tramas, fabulação, docência, diário visual

Alguns fios. Aranhas, ao que parece.

Este artigo trata de trocas, momentos em que nos deparamos com os desafios no cotidiano da docência e o compartilhar destes saberes, das dúvidas e relatos das ações que perpassam o tempo entre os estudos sobre as inúmeras abordagens que nos cercam.

A partir da problemática: e se eu fosse trama?, foi necessário buscarmos outros fios, engendrando diferentes encontros com o grupo de estudantes em fase final da graduação em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Santa Maria. Com o intuito de problematizar os conceitos desenvolvidos nos projetos

¹ Mestrando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Graduado em Artes Visuais – Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria, rafa.agatti@yahoo.com.br

² Graduada em Artes Visuais – Licenciatura, Universidade Federal de Santa Maria, ahquerubini@gmail.com

³ Doutora em História da Arte pela Universidade de Barcelona, Espanha. Professora Associada do Departamento de Metodologia do Ensino, Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria, marildaoliveira27@gmail.com



de ensino e pesquisa dos professores em formação inicial desenvolveu-se uma proposta entre dois colegas elencando um texto que conseguisse estabelecer conexões com os temas de ambos.

Acolheu-se a fabulação (DELEUZE, 2011) como metodologia para nortear a proposta com o intuito de tecer linhas entre a docência e as relações construídas no trajeto de formação. Desse modo, apresentamos as experimentações imagéticas produzidas pelo grupo a partir da elaboração dos diários visuais (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015), bem como a escrita coletiva que tramou-se para outros territórios, além de modos de produzir-se docente que não passam por um universal, mas singularizam-se em cada modo de estar professor.

Fabulações que se entrelaçam.

Docência em formação, em devir. É deste lugar que procuramos falar, de uma docência que se envolve e movimenta pelas trocas do/no coletivo. Em disciplinas anteriores pertencentes a grade curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFSM, como Prática Educacional IV, Estágio Curricular Supervisionado I e II, os/as estudantes do curso em questão desenvolvem seus projetos de ensino e pesquisa que permeará os encontros nas escolas, tanto de ensino formal quanto não-formal.

Enquanto acadêmicos da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado IV, que ocorre concomitantemente à disciplina de Estágio Curricular Supervisionado III, apresentamos os projetos junto ao grupo, e também o processo de experiência em sala de aula. Durante o semestre compartilhamos nossos conceitos, de modo que pudesse ser proporcionada uma aproximação dos mesmos com os colegas. Assim, fomos desafiados a trabalhar em duplas, ficando a cargo de encontrarmos algum texto, filme, obra que dialogasse com os conceitos de ambos. No caso em particular, e que movimentou esta escrita, abordamos o conceito de tramas (ALMEIDA, 2009) e a noção fabulação (DELEUZE, 2011).

Busco redimensionar vivências, amarrá-las, fiá-las, retramá-las, não para chegar a um lugar comum do que seria uma formação ideal (como se fosse possível), mas, sobretudo, para que no próprio acontecer como tessitura de



uma escrita o texto possa, quem sabe, provocar ao leitor ao pensamento e a dar seguimento a esta teia (MOSSI, 2016, p. 02).

O conceito de trama foi utilizado por Gonçalves (2018) na fase final da graduação e em seu Trabalho de Conclusão de Curso, onde explorou como o processo de docência poderia conversar com o referido conceito e suas possibilidades criadoras em artes visuais. Ainda, a educadora e artista teceu relações com seus trabalhos plásticos realizados nas práticas nos ateliês e buscou correlações com o conceito de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2011), este, por sua vez, tomado da biologia por seus autores, e entendido como uma antiestrutura que não começa nem conclui, mas se encontra sempre no ‘entre’ as coisas, de maneira horizontal.

Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49).

A noção de fabulação cunhada por Deleuze (2011) foi investigada por Durante (2018) também em seu Trabalho de Conclusão de Curso a partir da literatura de ‘O Pequeno Príncipe’ (SAINT-EXUPÉRY, 2014), partindo da ideia de que “não há literatura sem fabulação” (DELEUZE, 2011, p. 14). Ainda, a fabulação difere-se do conceito de fábula, justamente por não seguir uma narrativa – começo, meio, fim – e não trazer uma moral. Dessa maneira, “a fabulação criadora nada tem a ver com uma lembrança mesmo amplificada, nem com um fantasma. (...) Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 202).

Para percorrer as ideias da proposta em questão foi necessário que os colegas e professores em formação inicial dos Estágios III e IV registrassem seus trânsitos em pequenos diários visuais (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015), produzindo algumas tramas, muitos fios em processo de fabulação. Não haviam limitações para os fios tocarem-se e cada um poderia passear com eles por diferentes lugares, nos seus estudos acadêmicos em outras disciplinas, no decorrer do contato de aproximadamente quarenta e cinco minutos com seus estudantes nas escolas, em



susas passagens pela cidade, contato com suas famílias, leituras de noticiários. Poderiam tramar seus trajetos de diferentes formas, como poesias, textos, somente uma palavra, fugindo de dicotomias como certo e errado, mas concebendo diferentes maneiras de compô-los.

Fios que transitam territórios.

Se eu fosse TRAMA, me camuflaria no emaranhado de meus pensamentos, invadiria inúmeros mundos e disseminaria todo o sentimento que me pertence (Fragmento de um dos diários, 2018).

Para trabalharmos os conceitos buscamos tecer relações com o texto ‘Criação de docências, desenhos de/em currículos, alguns fios’ (MOSSI, 2016), onde o autor parte da tessitura de uma aranha, baseando-se no conto *A infinita fiandeira* (em O Fio das Miçangas) de Mia Couto (2009), para abordar diferentes propostas de trabalhar com a linguagem do desenho em disciplinas pertencentes a grade curricular de um curso de Licenciatura em Artes Visuais. Assim, novas figuras eram construídas, desconstruídas partindo de alguns esboços iniciais.



Figura 1: Diários visuais dos estudantes. Arquivo pessoal, 2018.



Em uma das páginas do artigo de Mossi (2016) havia o relato de uma atividade baseada na construção de narrativas visuais mobilizadas pela frase “Se eu fosse...”. Nossa intenção não foi reproduzir o exercício, mas *roubar* esta ideia, produzindo outras coisas, outros sentidos a partir de novas composições e nossos conceitos. Um roubo, para Deleuze e Parnet (1998) é captura, encontro, conversa. Desse modo, estruturamos nossa proposta a partir do que Deleuze, nas palavras de Gallo (2003), se refere a um roubo criativo, posto que nada é produzido no vazio.

Lançamos a proposta. Após a problematização do texto escolhido, os colegas receberam um pequeno diário visual, no qual iriam registrar as percepções sobre seus trânsitos entre universidade, escolas e locais por onde circulavam. A partir da provocação “Se eu fosse trama...”, cada participante, além de registrar esta trajetória com palavras, tinham a possibilidade de transmutar o pequeno diário. Nele poderiam criar diferentes propostas com recortes, colagens, pinturas. Nossa intenção com a proposição do diário visual era fugir de relatos, de narrativas lineares, de modo que “por meio do diário, os indivíduos passam a se ver na sua própria narrativa, possibilitando que recriem os acontecimentos que narram” (CARDONETTI; OLIVEIRA, 2015, p.57).



Figura 2: Diários visuais dos estudantes. Arquivo pessoal, 2018.



Na semana seguinte os diários voltaram recortados, costurados e desenhados. Viraram ninhos de passarinho, tomaram forma geométrica, receberam poesias, álbum de fotografias, foram desconstruídos a ponto de ganharem forma de espinha dorsal. Ainda, ao final da proposta fomos convidados a produzir uma escrita sobre o processo de leitura do texto juntamente a elaboração da atividade.



Figura 3: Diários visuais dos estudantes. Arquivo pessoal, 2018.

Neste percurso, Mossi soube da utilização de seu texto e foram lhe enviados alguns registros fotográficos dos trabalhos desenvolvidos pelos estagiários a partir das movimentações que a leitura provocou. Igualmente as escritas foram enviadas a ele a fim de movimentar a trama que havia se iniciado. Tramas percorrendo “abalos, revisões de mundos, afetos, negociações consigo e com o outro, movimentos, estados de território” (ROSA, 2016, p. 63). Trânsitos por outros territórios, novos territórios. Trânsitos entre territórios.

Alguns dias depois tivemos um retorno via e-mail do artista e professor de artes visuais Cristian Mossi. Ele descrevia as potências que sentiu ao ler nossas cartas e a partir delas novos fios foram sendo tecidos. Novas fabulações foram sendo traçadas em palavras e linhas pelas cartas. Mossi se fez trama também e produziu um vídeo sobre esse processo.



Queridas e queridos estagiári@s,

Muitas foram as intensidades que me atravessaram ao receber as escritas de vocês a partir da leitura do meu texto.

Algumas que me permitem a tradução em palavras, faladas e/ou escritas, outras tantas que não consigo formular, estruturar, significar.

Isso porque, além da alegria de poder ver um texto ganhando outros nós, outros enlaces e outras costuras, tudo isso advém de um espaço/tempo geográfico tão importante para mim...

Santa Maria, a UFSM, o curso de Licenciatura em Artes Visuais, o LAV. Cidade onde vivi 13 fantásticos anos da minha vida, Universidade onde me formei, onde nasci professor (ou onde um professor nasceu em mim), e Laboratório onde pude produzir laços - intelectuais e de profunda amizade - que me capturam até hoje.

Felizmente ainda posso voltar. E esse e-mail é uma forma de voltar. Voltar para um futuro. Voltar para o que há de vir. Voltar para uma paisagem em movimento que sempre me surpreende com suas formas, cores e vetores de força. E me faz ainda querer desenhar mapas de afetos para me perder, mais do que para me encontrar.

Aceitei a provocação. Me fiz trama também. Antes do que trama, precisei devir-aranha. E passei pelos papéis amarelos por vocês enviados. Li, reli. Brinquei com as escritas. Fisguei palavras que me alimentam. Atravessei letras e linhas, fiz sentidos vazarem, conectei singularidades, rearranjei os textos.

Ainda há muito por se fazer. Sempre haverá. E é por isso que seguimos! Abraços, com carinho e gratidão.

Cristian.



Figura 4: Experimentações a partir das escritas dos estagiários. Arquivo pessoal, 2018.

O infinito fiandar, fiandar-se.

Na trama que fomos construindo escrevemos um pedaço hoje, outro amanhã, depois mais que um pedaço hoje e amanhã. Entre o fiar e fiar-se, nos construímos docentes e arrastamos teias nos tramando aos colegas. Fabulamos no e com o coletivo. Costuramos nossos conceitos a partir e junto à Mossi (2016), que tece, entre os fios que compõe sua escrita, fabulações junto ao meio acadêmico e a criação de docências.

Apresentamos como resultados as experimentações imagéticas exploradas pelo grupo a partir da proposição “E se eu fosse trama...”, onde na construção dos diários visuais foram exploradas diversas maneiras de produzi-los. Ainda, cabe destacar a produção escrita elaborada pelo coletivo de professores em formação sobre o processo de elaboração da proposta, bem como a problematização do texto.

Percebemos, assim, que não existe um passo a passo para estar docente e os modos de compor uma docência não passam por um universal, mas singularizam-se em cada modo de fazer-se professor. Trabalhar de forma coletiva é experenciar um tempo de aprendizagem e ensino de tramas mútuas. Trocas em devir, movimento de tramar, um infinito fiandar, fiandar-se.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Celia M. De Castro. **Ser artista, ser professor:** razões e paixões do ofício. Coleção Arte e Educação, São Paulo, 2009.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Diário de aula: disparador de problematizações e de possibilidades para pensar a formação de professores de artes visuais. In: Marilda Oliveira de Oliveira; Fernando Hernandez. (Org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** 1 Ed. Santa Maria, RS: UFSM, 2015, v. 1, pp. 51-74.

COUTO, Mia. A infinita fandeira. In: _____. **O fio das missangas:** contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 73-75.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. 2^a. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução de Eloisa Araujo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3^a. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Vol. 1. 2^a ed., São Paulo: Editora 34, 2011.

DURANTE, Rafael Agatti. **Entre Caixas e... Planetas e... Diários e... Fabulações: Problematizações Acerca do Livro O Pequeno Príncipe e a Produção de Livros de Artista na Docência.** 2018. 91 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** Belo Horizonte: Autentica, 2003.

GONÇALVES, Andressa Helene Querubini. **Processo Formativo em Artes Visuais: entre Tramas, Trânsitos e Fotografia.** 2018. 76 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MOSSI, C. P. Criação de docências, desenhos de/em currículos, alguns fios. In: **Anais da Anped Sul**, Curitiba/PR, 2016. pp. 1-15.

ROSA, Aline Nunes da. Uma aprendizagem em deslocamento: territórios e paisagens inventadas. **Anais do XI Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC.** Florianópolis, 2016.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe.** Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48^a Ed. Rio de Janeiro, Agir, 2014.